

**ROBERTO PONTES E ELIZABETH DIAS MARTINS:
DA TEORIA DA RESIDUALIDADE LITERÁRIA E
CULTURAL AO O JOGO DE DUPLOS NA POESIA
DE SÁ-CARNEIRO (2012) E DO FRAGMENTO À
UNIDADE: A LIÇÃO DE GNOSE ALMADIANA (2013) –
DOIS ESTUDOS RESIDUAIS**

Francisco Wellington Rodrigues Lima

Roberto Pontes e Elizabeth Dias Martins: “da teoria que nos é comum” - uma biografia poética e residual.

Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros, nascido na cidade de Fortaleza, Ceará, no ano de 1944, é poeta por natureza, crítico e teórico literário, ensaísta, tradutor, sambista e compositor. É Membro da Cátedra Unesco, da Universidade das Nações Unidas e Coordenador do Grupo de Estudos de *Residualidade* Literária e Cultural. Integrou o Grupo SIN de Literatura, contribuindo assim, por volta dos anos de 1968, para o engrandecimento e inovação da literatura produzida no Estado do Ceará. Foi Orientador das Oficinas de Poesia da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, no período de 1995 a 1998. É Membro efetivo do PEN Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, e representante do Brasil na Mesa Diretiva da Junta Mundial de Poesia em Defesa da Humanidade, sediada no Caribe. É Mestre em Literatura Brasileira (UFC) e Doutor em Literatura Portuguesa (PUC-RIO). Foi, com grande maestria, Professor de Literatura Brasileira, Portuguesa e Africanas de Língua Oficial Portuguesa na Universidade Federal do Ceará, na graduação e pós-graduação. Foi ainda fundador do Grupo Poesia Simplesmente, do Rio de Janeiro; fundador do Grupo Verso de Boca (do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará); Presidente do Instituto Afro-brasiluso de Pesquisa e Estudos Literários (IAPEL). Dentre a vasta produção literária, acadêmica e artística de Roberto Pontes, podemos citar as seguintes obras: *Poemas: Contracanto*. Fortaleza: SINedições, 1968; *Lições de Espaço*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1971; *Temporal*. In: revista O

Saco. Fortaleza, 1976; *Memória Corporal*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1982; *Verbo Encarnado*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996; 2ª Ed., Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2014; *Breve Guitarra Galega*. In: revista Estudos Galegos. Niterói: EDUFF, 2002; *Hierba Buena/Erva Boa*. Fortaleza: Casa da Amizade Brasil/Cuba, 2007; *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2010; 2ª Ed., Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2014; *Lições de Tempo*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012; *Os Movimentos de Cronos*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012. Ensaios: *Vanguarda Brasileira: Introdução e tese*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1970; *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*. Rio de Janeiro/Fortaleza. Oficina do Autor/Edições UFC, 1999; *O jogo de duplos na poesia de Sá-Carneiro*. Fortaleza: Edições UFC, 2012. Edição eletrônica 2014. Discografia: “*Tanajura*”. Poema In: Um Canto em Cada Canto – 10 Anos. (UNICD, 3027). Unipress Comércio de Discos Ltda.–SP. 1997; “*Demiurgia*”. Poema gravado por Nicole Borger com o título “Sentidos” in Singrar Sailing Songs. (LMCD 0299). Videolar S.A.–Manaus. RM2 Comercial Ltda.–SP. 2005; Samba & Poesia (poemas na voz do autor) e canções por Glaypson Façanha, Washington Silva e Roberto Pontes. Fortaleza: Estúdio Vila, 2012. (Ver biografia completa do autor no seguinte site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Pontes).

Elizabeth Dias Martins, nascida na cidade de Fortaleza, no Estado Ceará, no ano de 1960, é esposa do poeta Roberto Pontes. Além de crítica e ensaísta, é Professora de Literatura Portuguesa na graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Ceará. É Mestre em Literatura Brasileira (UFC), Doutora em Literatura Portuguesa (PUC-RIO); fez os seus estudos de Pós-Doutoramento em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pela Universidade de Coimbra (2015). É Membro do Conselho Editorial da Revista *Estudos Portugueses* da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emereciano (PE). Coordena, ao lado de Roberto Pontes, o Grupo de Estudos de *Residualidade* Literária e Cultural do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará – GERLIC; é Coordenadora Adjunta do Grupo Verso de Boca. É Membro GT de Estudos Medievais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL; Sócia-Pesquisadora da Associação Brasileira de

Estudos Medievais – ABREM e da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa – ABRAPLIP. Desenvolve, atualmente, no PPGLTRAS/UFC, pesquisas em torno dos Estudos residuais comparados em literaturas de Língua Portuguesa e pesquisas que visam abordar a tradição e a inovação no cordel nordestino pelo viés da *Residualidade*. São Obras da Autora: *Rastros de Érato e Clío: seis canônicos portugueses* (2001); *Do Fragmento à Unidade: a Lição de Gnose Almadiana* (2013); PONTES, Roberto (Org.); MARTINS, Elizabeth Dias (Org.); CERQUEIRA, L. (Org.); NASCIMENTO, C. M. B. (Org.). *Residualidade e Intertemporalidade*. (2017). PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth. (Organizadores). *Residualidade ao Alcance de Todos* (2015); MARTINS, Elizabeth Dias; PONTES, Roberto (Org.); BARROS, P. E. L. (Org.) *Falas e Textos: escritos de Literatura Portuguesa* (2010); PONTES, Roberto (Org.); MARTINS, Elizabeth Dias (Org.). Anais [do] VII Encontro Internacional de Estudos Medievais (2009). Em 2017, concluiu com louvor a sua primeira orientação de Tese de Doutorado defendida por Fernanda Maria Diniz da Silva¹, Intitulada “Tradição e Modernidade na produção poética de Roberto Pontes”. Atualmente, orienta os seguintes pesquisadores no PPGLTRAS/UFC: Francisco Wellington Rodrigues Lima – “A Representação da Morte, do Julgamento e da Salvação no Teatro

1 A tese de doutoramento de Fernanda Maria Diniz da Silva tem por objetivo analisar a produção poética de Roberto Pontes a partir da sua relação com a tradição e a modernidade. Vale salientar que ele é um dos fundadores do Grupo SIN de Literatura, que em 2017 chega ao cinquentenário. A pesquisadora, ao longo da sua pesquisa, explorou toda a obra poética de Pontes, composta pelos seguintes livros: *Contracanto* (1968), *Lições de Espaço* (1971), *Temporal* (1976), *Memória Corporal* (1982), *Verbo Encarnado* (1996, 2014), *Breve Guitarra Galega* (2002), *Hierba Buena/Erva Boa* (2007), *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (2010; 2014), *Lições de Tempo/ Lecciones de Tiempo* (2012) e *Os Movimentos de Cronos/ Los Movimientos de Cronos* (2012). Ao longo do trabalho de tese, Fernanda Diniz realizou um estudo aprofundado dos poemas do autor em questão, tendo como base a *Teoria da Residualidade* por ele sistematizada. Sobre a conclusão do seu trabalho investigativo, Fernanda Diniz afirma: “Roberto Pontes reconstruiu literariamente a poética característica da Antiguidade bíblica, do Trovadorismo e da canção épica, adequando a essência desses modos poéticos ao contexto espacial e temporal de sua época, os séculos XX e XXI. Além disso, verificou-se que a metapoética, a poesia social, a poesia insubmissa, a poesia experimental e a poesia filosófica fazem parte do escopo da produção literária do autor, que tem a virtude de se adequar à natureza da modernidade artística”. (SILVA, 2017, Tese de Doutorado PPGLTRAS/UFC).

Medieval Português de Gil Vicente e Seus Aspectos *Residuais* no Teatro Contemporâneo Brasileiro de Ariano Suassuna” (Tese de Doutorado em andamento); Mary Nascimento da Silva Leitão – “Construção de Identidade na Produção Literária *Residual* de Raquel Naveira” (Tese de Doutorado em andamento); Cássia Alves da Silva – “O Grotesco Feminino no Cordel de Metamorfose Contemporâneo: uma abordagem *residual*” (Tese de Doutorado em andamento); Iêda Carvalhedo Barbosa – “Os *Resíduos* Medievais do Grotesco em *Gabriela, Cravo e Canela, Tieta do Agreste e Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Jorge Amado” (Tese de Doutorado em andamento); Jéssica Thais Loiola Soares – “Interdito e Transgressão na Poesia de Gilka Machado” (Tese de Doutorado em andamento); Francisca Yorrana da Silva – “As Manifestações do Demoníaco em *Lavoura Arcaica*” (Dissertação de Mestrado em andamento); Carlos Henrique Peixoto de Oliveira – “*Resíduos* do Romancero Medieval na Poesia de Onestaldo de Pennafort” (Dissertação de Mestrado em andamento); Daniel Pereira de Oliveira – “*Hierba Buena: Hibridação Cultural* como Processo Residual de Construção do Imaginário Latino-Americano na Poesia de Roberto Pontes” (Dissertação de Mestrado em andamento); Larissa Araújo de Almeida – “Os *Resíduos* Medievais Culturais e Literários nas Poesias de Patativa do Assaré” (Dissertação de Mestrado em andamento).

A Teoria da Residualidade Cultural e Literária: do Ceará para o Mundo

A *Teoria da Residualidade*, cunhada e sistematizada por Roberto Pontes, no Ceará, Brasil, nos permite, dentre outras coisas, descobrir e tecer relações de semelhanças e diferenças entre povos e culturas diferenciados e distanciados pelo tempo e pelo espaço, destacando, inclusive, elementos vivos que aproximam o hoje do ontem, permanecendo e atualizando conforme as circunstâncias da mentalidade e do imaginário humano. Os conceitos teóricos da *Residualidade*, segundo Pontes (2006), são trazidos de outras áreas do conhecimento, como a sociologia, a história e a antropologia. A partir dessa sistematização, o autor demonstra que os resíduos da cultura de um período temporal podem ser percebidos noutro tempo e numa sociedade diferente, sendo, portanto, o mesmo fenômeno observável na literatura, desde que este seja um produto da endoculturação.

Roberto Pontes empregou o termo *residualidade* inicialmente em sua dissertação de mestrado, atualmente publicada em livro, cujo título é *Poesia insubmissa afrobrasilusa* (1999), tendo por objetivo demonstrar a

presença de resquícios do passado que, ao longo do tempo, acumularam-se na mente humana e que são refletidos na cultura e na literatura de forma involuntária através de estruturas atualizadas².

Para Roberto Pontes, *resíduo* é “aquilo que remanesce de uma época para outra e tem força de criar de novo toda uma obra, toda uma cultura.” (PONTES, 2006). Bem sabemos que na cultura do povo do Nordeste do Brasil, por exemplo, é possível encontrarmos resquícios da época medieval ainda vivos na mentalidade do homem nordestino, pois para Pontes, o *resíduo* “não é um cadáver da cultura grega ou da cultura medieval que deve ser reanimado nem venerado num culto obtuso de exaltação do antigo, do morto... não é isso... fica como material que tem vida” (PONTES, 2006).

A teoria literária elaborada por Roberto Pontes parte do pressuposto de que “na cultura e na Literatura nada é original, tudo é residual”. Assim sendo, entende-se por resíduo o compósito de *sedimentos mentais* que *remanescem* de uma cultura para outra. (PONTES, 2006). Sobre a transmissão de valores culturais de um povo para outro, através da literatura e do contato social, o autor diz o seguinte:

Ora, todos sabemos que a transmissão dos padrões culturais se dá através do contato entre povos no processo civilizatório. Assim, pois, com os primeiros portugueses aqui chegados com a missão de firmar o domínio do império luso nos trópicos americanos, não vieram em seus malotes volumes d’*Os Lusíadas* nem rimas de Luís Vaz de Camões, publicados em edições princeps apenas,

² Desde 2002, a *Teoria da Residualidade* é registrada junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará e ao Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq -, e sua propagação pelo universo da pesquisa ganha, a cada dia, mais espaço e notoriedade entre alunos e professores pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará e outras IES que reconhecem a importância da teoria no estudo da tradição cultural e literária de nosso País. A *Teoria da Residualidade* já proporcionou quatro teses concluídas de doutorado (duas na PUC-Rio, uma na UFAM e uma na UFC); 36 dissertações de mestrado defendidas no PPGL-UFC; uma tese de doutorado defendida em Portugal, na Universidade de Trás-os Montes, uma tese de doutorado em andamento na Universidade de Coimbra, cinco teses em andamento no PPGL-UFC, quatro dissertações em andamento também no PPGL-UFC. Oito Jornadas de *Residualidade* já foram realizadas pelo Grupo GERLIC na UFC, envolvendo, no seu formato, sessões de comunicações, conferências, mesas semi-plenárias e apresentações culturais, tendo ainda, a participação de pesquisadores/conferencistas do Brasil e de Portugal. Atualmente, além do GERLIC, existem dois grupos de pesquisa em plena atividade no Brasil: o GERAM-UVA; LETRAR-UFAM. (PONTES; MARTINS, 2015).

respectivamente, em 1572 e 1595. Na bagagem dos nautas, degredados, colonos, soldados e nobres aportados em nosso litoral, entretanto, se não vieram exemplares impressos de romances populares da Península Ibérica nem os provenientes da Inglaterra, Alemanha e França, pelo menos aqueles homens trouxeram gravados na memória os que divulgaram pela reprodução oral das narrativas em verso. Assim, desde cedo, e à míngua de uma Idade Média que nos faltou, recebemos um repositório de composições mais do que representativo da Literatura oral de extração geográfica e histórica, cujas raízes estão postas na Europa ibérica do final da Idade Média, justamente quando ganhavam definição as línguas românicas. (PONTES, 1999).

Essa citação, que relata a bagagem cultural trazida pelos portugueses durante o processo de colonização do Brasil, nos remete ao *corpus* da *Teoria da Residualidade* e seus conceitos operacionais: *residualidade*³, *cristalização*⁴, *mentalidade*⁵ e *hibridismo cultural*⁶. Sobre o assunto, Roberto Pontes afirma o seguinte:

O conceito principal é o da *residualidade*; e se eu tivesse de fazer uma escolha por grau de importância, colocaria este conceito em primeiro lugar; em segundo a *cristalização*; em terceiro a *mentalidade*; em quarto o *hibridismo cultural*. Essas coisas podem ser investigadas

3 *Resíduo, Residual e Residualidade*: refere-se a certas *formações mentais* que persistem através de longas durações. É dotado de extremo vigor e não se confunde com o arcaico. É aquilo que *remanesce* de uma época para outra e tem a força de criar de novo toda uma cultura ou obra literária; não é material morto e, sim, material que tem vida, porque continua a ser valorizado e vai infundir vida numa obra nova. (PONTES, 2006).

4 A *cristalização* é a *sedimentação de resíduos* culturais de outras épocas em obras contemporâneas. Trata-se de um modo coletivo de compreender a *memória coletiva*, uma vez que é sempre resultante de um processo de modificações contínuas das condições materiais. (PONTES, 2006).

5 A *mentalidade* é um conjunto difuso de imagens a que se referem todos os membros de um mesmo grupo e está associada intrinsecamente ao *resíduo*. Trata-se de um campo investigativo delimitado pela ideia de longo tempo dos componentes da *École des Annales*. (PONTES, 2006).

6 O *hibridismo cultural* explica que as culturas não seguem caminhos isolados: elas se encontram, se fecundam, se multiplicam, proliferam; apresenta sempre a ideia de algo resultante do cruzamento de culturas diferentes. Pode ser estudada pelo seu aspecto literário, artístico ou sociocultural. (PONTES, 2006).

tanto separadamente quanto em conjunto, porque uma implica na outra e ajuda a esclarecer ao mesmo tempo o objeto investigado. É o que em teoria chamamos *conceitos operativos*, ou *operacionais*, isto é, indispensáveis à operação do esclarecimento. (PONTES, 2006).

Dessa forma, podemos dizer, resumidamente, que a *Teoria da Residualidade Cultural e Literária* busca reconhecer as *mentalidades* nas várias épocas e estilos, além de procurar justificar a complexidade teórica aplicada por estudiosos acerca da estética literária de autores e obras, bem como ainda explicar a confusa questão que envolve autor, obra e período, ou seja, a periodologia literária.

Dando prosseguimento ao nosso estudo, vale a pena ressaltar que muitos autores como Massaud Moisés, Raymond Williams, Peter Burke, Georges Duby já dedicaram algumas linhas ao *aspecto residual* da Literatura, porém, nenhum deles se preocupou em sistematizar ou dedicar-se com maior profundidade ao termo *residualidade* cunhado por Roberto Pontes. Massaud Moisés (1977), por exemplo, reconheceu o *caráter residual* dentro da obra literária ao comparar a obra de Eugênio Sue e de Homero. Diz ele:

Que seria então resíduo das obras? Seria o que resta delas após a retirada das camadas que envelheceram ou morreram? Se o que fica é mínimo (Eugênio Sue), indubitavelmente se trata de uma obra de inferior categoria; se o que resta é considerável, estamos diante da obra-prima (Homero). Noutras palavras: a obra de Eugênio Sue não resiste a mais superficial crítica, porque tudo ali passou de moda e o núcleo assente carece de interesse. Ao contrário, a obra de Homero resiste sempre, e possivelmente assim permanecerá, à investida dos críticos. De modo mais específico: Eugênio Sue não nos diz mais nada, representa um mundo ultrapassado, enquanto a *Odisseia* contém respostas (ou situações) às perguntas que cada geração formula dum modo novo acerca dos problemas de sempre: Quem sou? Donde vim? Para onde vou? Essas respostas constituem o núcleo residual como se fosse um gigantesco núcleo de urânio a irradiar força. (...) Por isso, Eugênio Sue está esquecido, apesar de sua fama enquanto viveu,

e Homero permanece vivo, a despeito das oscilações de gosto. (MOISÉS, 1977, p. 320).

Massaud Moisés, assim como Roberto Pontes, embora o primeiro nunca tenha sistematizado o termo *resíduo* em seu *corpus* analítico, deixa claro que o *resíduo* nunca morre, pelo contrário, permanece vivo nas obras através do processo de recriação artística, qualificado por Pontes de *crystalização*, pois para este, “resíduo não é um cadáver...”. Ele remanesce “dotado de força viva e constrói uma nova obra com mais força ainda, na temática e na forma” (PONTES, 2006).

O autor da *Teoria da Residualidade Cultural e Literária* ainda nos chama a atenção para aquilo que seria *residual* e aquilo que seria *arcaico*. Para o pesquisador, o *arcaico* é algo fossilizado, presente e atuante apenas no passado, ao contrário do *resíduo*, que deve ser entendido como elemento vivo e que remanesce de uma cultura em outra. Essa distinção feita por Roberto Pontes, encontra suporte na distinção feita por Raymond Williams, na obra *Marxismo e Literatura*. Leiamos:

Por “residual” quero dizer alguma coisa diferente do “arcaico”, embora na prática seja difícil, com frequência, distingui-los. Qualquer cultura inclui elementos disponíveis do seu passado, mas seu lugar no processo cultural contemporâneo é profundamente variável. Eu chamaria de “arcaico” aquilo que é totalmente reconhecido como um elemento do passado, a ser observado, examinado, ou mesmo ocasionalmente, a ser “revivido” de maneira consciente, de uma forma deliberadamente especializante. O que entendo pelo “residual” é muito diferente. O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está vivo no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente. Assim, certas experiências, significados e valores não se podem expressar, ou verificar substancialmente, em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados à base do resíduo – cultural bem como social – de uma instituição ou formação social e cultural anterior. (WILLIAMS, 1979, p. 125).

No trecho acima, Raymond Williams, ao modo de Roberto Pontes, destaca a importância do *resíduo*. Se pegarmos novamente a citação de Massaud Moisés, podemos concluir que, Homero, poeta da Literatura Clássica Grega, trabalhou com diferentes *resíduos*, o que o torna um poeta sempre atual. Já Eugênio Sue representaria o *arcaico*, uma vez que este estaria apenas ligado ao passado, tornando-se ultrapassado. Sendo assim, o *residual* continua vivo no processo cultural; “torna-se um elemento efetivo do presente” (PONTES, 2006).

Para reforçar o conceito de *residualidade*, tomemos o de *mentalidade*, pois para Roberto Pontes, este é de extrema importância para o estudo e desenvolvimento da *Teoria da Residualidade Cultural e Literária*. O conceito de *mentalidade*, que tem como principais teóricos Lucien Febvre (1938), Georges Duby (1961) e Robert Mandrou (1968), foi elaborado com maior profundidade na Nouvelle Histoire Française, que surgiu com a Escola dos Annales (1929-1989). Segundo esses pesquisadores, a *mentalidade* trata da forma de pensar de uma época. E na concepção de Roberto Pontes, claro que concordando com Febvre, Duby e Mandrou, “as especulações passaram a girar em torno de como viviam os homens num determinado período” e, portanto, a “*mentalidade* não pode ser dissociada do *resíduo*” (PONTES, 2006), pois é a partir dela que o homem pode reconstituir ou reconstruir, cultural e literariamente, uma nova sociedade, uma nova cultura, com uma espiritualidade daquilo que permaneceu vivo e atuante na mente do povo através do tempo.

Duby, ao traçar o conceito de *mentalidade* e de sociedade afirma que “por trás de todas as diferenças e nuances individuais fica uma espécie de resíduo psicológico estável, composto de julgamentos, conceitos e crenças a que aderem, no fundo, todos os indivíduos de uma mesma sociedade” (DUBY, 1992, p. 69). Dessa forma, mediante a coexistência de diversas *mentalidades* numa mesma época e num mesmo espírito, como afirma Roberto Pontes, em harmonia com Duby, esse conceito tornou-se um dos pontos fundamentais da *História das Mentalidades* e, por consequência, da história cultural e literária sistematizada por Pontes na *Teoria da Residualidade Cultural e Literária*. Sobre a *mentalidade*, Pontes afirma:

A *mentalidade* tem a ver não só com aquilo que a pessoa de um determinado momento pensa. Mas um indivíduo e mais outro indivíduo e mais outro indivíduo, a soma de várias individualidades redundando numa *mentalidade coletiva*. E essa *mentalidade coletiva* se constrói (...) a *mentalidade* é um mecanismo psicológico, sua contextualização é histórica e cultural (...) não se transmite apenas de época para época. Também persiste, quer na forma de *resíduo*, quer na de *arcaísmo* (...) na *mentalidade*, vamos ter sempre uma tensão entre o *antigo* e o *novo*. É por isso que a nossa *Teoria da Residualidade* estuda as manifestações também a partir do ponto de vista da *mentalidade*. (PONTES, 2006).

Portanto, entendemos a *mentalidade* como uma “soma de várias individualidades” e que “persiste na forma de *resíduo*”, e vai se construindo de acordo com a história social e cultural de um povo através do tempo. Temos então de depreender a definição de *hibridismo cultural*, outro conceito de grande relevância na fundamentação teórica de Roberto Pontes acerca da *Teoria da Residualidade Cultural e Literária*.

Oriundo da Sociologia, o conceito *hibridação cultural* surgiu para designar o inter-relacionamento de diferentes culturas. Esse termo é inicialmente utilizado por Pontes ao tratar das manifestações literárias de caráter *afrobrasílico*, conceito utilizado pelo autor que se originou da “compreensão de que a identidade nacional de cada povo se dá após uma transfusão de *resíduos culturais*” (PONTES, 2006), cuja principal característica é a junção de elementos históricos, linguísticos de nações de diferentes partes do mundo, como da África, da América e da Europa.

O termo *hibridação cultural* foi explorado também por Peter Burke. Segundo o autor, a *hibridação* é um processo que se dá entre contatos de civilizações, no tempo e no espaço, estabelecendo um conflito entre culturas, sociedades e indivíduos. No tocante ao *hibridismo cultural*, Burke afirma que “exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura ou na música”. (BURKE, 2006, p. 23).

Ainda para Peter Burke, o *hibridismo* é um termo ambíguo, escorregadio e, ao mesmo tempo, “literal metafórico, descritivo e explicativo” (BURKE, 2006, p. 23). Na concepção teórica de Roberto Pontes, conforme as pesquisas de Burke, a *hibridação cultural*, de modo geral, dá-se pela fusão de elementos culturais em que o tradicional e o moderno se unem, como sugere o mesmo ao utilizar o termo afrobrasílico, sendo esse, um dos pilares da *Teoria da Residualidade Cultural e Literária*. Como lembra Pontes: “Não pode haver índice maior de concentração de *residualidade cultural* do que esse, pois, mescladas História, ficção e língua, no destino de três nações de partes distintas do mundo, África, América e Europa, dá-se ao longo do tempo a *hibridação cultural* alimentadora de uma nova Literatura, a *afrobrasílica*, (...) (PONTES, 2003, p. 367).

Sobre a *cristalização*, conceito também relevante para o *corpus* teórico, foi um termo cunhado por Guerreiro Ramos e manifesta-se, segundo o autor, pela sedimentação do popular, elemento responsável pela fixação da identidade nacional. Aqui, a *memória coletiva* é um fator de extrema importância, pois o pesquisador considera que a *memória coletiva*, junto a outros elementos culturais, emocionais e pessoais, complementa-se e reside na memória comum. Além de estudar a *cristalização* como um modo de tratar a *memória coletiva*, Roberto Pontes ainda aponta dois outros: o do *registro* (caracterizado pela preocupação em conservar a memória nacional) e o do *estereótipo* (representado pelo intelectual escolarizado).

Portanto, sendo a *cristalização* uma sedimentação popular responsável pela fixação da identidade nacional, podemos afirmar então que o *resíduo*, dotado de força viva, sofre refinamentos e transformações por meio da *cristalização* de formas. É o que podemos detectar, seguindo os passos investigativos de Roberto Pontes, nas obras de autores célebres da nossa Literatura que recriaram adequadamente a memória coletiva brasileira, vitalizando nossa cultura, como Cassiano Ricardo, *Martim Cererê* (1928); Mário de Andrade, *Macunaíma* (1928); Raul Bopp, *Cobra Norato* (1931); Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida* (1956), Sosígenes Costa, *Irararana* (1959).

***O Jogo de Duplos na Poesia de Sá-Carneiro* (PONTES, Roberto. 2012)**

Mário de Sá- Carneiro (1890 – 1916), um dos grandes expoentes do Modernismo em Portugal, mola propulsora da revista *Orpheu*, foi-se embora muito cedo; aos 26 anos, matou-se. Contudo, Sá-Carneiro nos deixou um legado poético de relevante importância e qualidade artística. Diante da busca pela sua completude identitária, da sua fragmentação perante a velocidade do mundo moderno, da sua angústia, do seu viver fugaz relutante contra a realidade, Mário de Sá-Carneiro tentou revelar-se na ambiguidade de suas palavras; numa tormenta de ideias ávidas de suicídio, loucura, cegueira diante do real; “Numa ânsia de ter alguma coisa”, divagando “por mim mesmo a procurar, / desço-me todo, em vão, sem nada achar, / e minh’alma perdida não repousa! (...) Um cemitério falso em ossadas, / Noites de amor sem bocas esmagas - / Tudo outro espasmos que princípio ou fim...” (Mário de Sá-Carneiro).

E assim, entre encontros e desencontros com seu “eu”; entre loucura e sanidade; entre luz e escuridão; entre o sofrer e o viver; entre o “eu” e os outros; entre o viver e o morrer, entre o real e o ideal; entre o perder-se e o achar-se; entre o seu duplo e a sua unicidade de Mário de Sá-Carneiro, é que Roberto Pontes, de modo elegante e bem estruturado nas suas formulações filosóficas e literárias, vai tecendo, servindo-se também do viés da *Teoria da Residualidade Cultural e Literária*, o livro *O Jogo de Duplos na Poesia de Sá-Carneiro*; obra que destaca, pela sua volúpia e maestria, não só a poeticidade subjetiva de Sá-Carneiro, mas a vida dispersa deste inquietante autor modernista e a sociedade que o assombrava e o desestruturava em meados do século XX, uma vez que “o real tem sempre razão”. (PONTES, Prefácio de Elizabeth Dias Martins, 2012, p. 12).

Dividido em quatro capítulos de leitura, Roberto Pontes nos coloca diante das tessituras que propuseram a subjetividade poética de Mário de Sá-Carneiro, possibilitando, dessa forma, uma leitura da fragmentação do eu, tanto do homem em geral, quanto do poeta da modernidade, tendo como recorte histórico o período que se dá a partir do Romantismo. Pontes (2012), logo no primeiro capítulo do livro, foca em três ângulos de análise de fragmentação na poesia de Sá-Carneiro: a interior, a textual e a estética,

permitindo aos leitores a formulação do “conceito de *residualidade estética complexa*” na obra do autor em questão e assim, compreender o universo poético de Sá-Carneiro, bem como o jogo de duplos executado pelo poeta ao longo da sua tão curta carreira artística/literária. Vale ressaltar ainda que Roberto Pontes desenvolveu o livro *O Jogo de Duplos na Poesia de Sá-Carneiro* pautado na análise de 66 poemas produzidos entre os anos de 1909 e 1916, empreendendo, em seu minucioso estudo, a análise de “cada poema, cada estrofe, cada verso, até cada palavra, afim de aclarar a duplicidade ontológica inoculada pela natureza na subjetividade do infortunado autor lisboeta”. (PONTES, Prefácio de Elizabeth Dias Martins, 2005, p. 10-12).

No decorrer do livro, Roberto Pontes nos revela ainda, um Mário de Sá-Carneiro múltiplo de estéticas literárias, pois nele encontramos resíduos do clássico, do medieval (tradições ibéricas), do classicismo, do romantismo, do ultra-romantismo, do realismo, do teatro naturalista; um poeta simbolista, saudosista, modernista (paulismo, sensacionismo, interseccionismo); um nobre poeta que nos leva a uma discussão plena da condição humana por intermédio do seu lirismo; que suicidou-se devido “a uma irremediável divisão de personalidade que lhe era inerente, enquanto Fernando Pessoa livrou-se da fatalidade por meio da despersonalização heteronímica”. (PONTES, 2012, p. 75).

No capítulo intitulado “**Preliminares ao Jogo de Duplos Básicos**”, Roberto Pontes nos esclarece o conceito de Jogo de Duplos, evitando assim, qualquer outra ambiguidade que possa surgir diante de tal termo. De acordo com a concepção de Pontes (2012), o Jogo de Duplos é a estrutura visível daquilo que “num texto é dúplice ou dobrado”. (PONTES, 2012, p. 92). É decodificável. O Jogo de Duplos “é aquele que se revela nas palavras, nos tropos, nos arranjos sintáticos e semânticos inusitados do autor”. (PONTES, 2012, p. 92). Ainda dentro deste contexto, Pontes (2012), ressalta a questão do jogo de duplicidade que, “por detrás do lúdico, se encerra o fingimento do Ser que o exercita”, uma vez que “a quididade do dobrado é ser duas vezes, mesmo quando temos certeza de que todo duplo pressupõe um único (o real) e a ilusão (o ideal)...”. (PONTES, 2012, p. 92). Dessa

forma, Pontes (2012) expõe as bases da fragmentação do eu e das disjunções que fundamentam o jogo de duplos na obra do autor de *Dispersão*.

No capítulo seguinte, denominado de “**Duplo Básico**”, Pontes (2012), depois de discutir e exemplificar ao longo do capítulo anterior o jogo de duplos e o jogo de duplicidade, bem como as quatro vias do pensamento trágico de recusa do real encontradas na obra de Sá-Carneiro (o suicídio, a loucura, a cegueira voluntária e a percepção inútil), trata, de modo sublime, do duplo na literatura/estética do referido poeta, tendo como base uma das disjunções mais importante que aparece na obra de Sá-Carneiro: a polaridade eu/outro. Daí por diante, chegamos ao último capítulo da obra: “**O Poeta e seu Reflexo**”. Nele, Roberto Pontes recorre a autores como Sigmund Freud, Marcuse, Kristeva e Plotino para trabalhar em torno da lenda narcísica, confrontando assim, as possíveis coincidências entre a narrativa poética do Mito de Nársciso e os textos produzidos pelo disperso autor de *Dispersão*.

Diante do exposto, podemos perceber que a obra de Roberto Pontes, “*O Jogo de Duplos na Poesia de Sá-Carneiro*”, não é um simples estudo que gira em torno da obra de um dos grandes nomes da revista Orpheu. Trata-se de um texto complexo, bem formulado, eloquente, residual, poético, analítico e perfeito dentro daquilo que o autor propusera: entender o poeta em discussão e sua produção lírica, tendo como base, o jogo de duplos, a poesia de Sá-Carneiro e a *Teoria da Residualidade Cultural e Literária*; “uma tarefa infinita, porque nunca se pode completar, mas não se completa porque não há nada para se interpretar (...) tudo já é interpretação”. (PONTES, 2012, p. 93).

Do Fragmento à Unidade: a Lição de Gnose Almadiana

(MARTINS, Elizabeth Dias, 2013)

Elizabeth Dias Martins, nos presenteia com um livro extremamente exuberante, pomposo e *residual* sobre a vida e a obra de um dos maiores nomes da Literatura Portuguesa: Almada Negreiros. E, de modo elegante, filosófico, histórico e cultural, Elizabeth Dias Martins vai mergulhando na

gnose almadiana, percorrendo, nos mais variados contextos – do clássico ao moderno –, as entrelinhas da produção poética de um ser poético complexo, fragmentado e, ao mesmo tempo, uno, uma vez que este chega a sua plena completude na conjuntura de sua obra/vida que, diga-se de passagem, é ampla e múltipla. A autora objetiva, com sua investigação literária, demonstrar que a obra de José Sobral de Almada Negreiros (1893- 1970), “se traduz numa unidade final que revela um roteiro de gnose e de aprendizagem alternativo para a fragmentação interior dos indivíduos pressionados pelas bruscas alterações impostas pela sociedade moderna”. (MARTINS, 2013, p. 16).

Almada Negreiros, “artista de múltiplas linguagens”, foi ator, diretor, caricaturista, pintor, dramaturgo, poeta, romancista, contista, ensaísta; um homem de muitas ideias, de muitas formas de pensar e ver o mundo e a vida, de muitas percepções artísticas e literárias; talvez, o mais completo de todos aqueles que fizeram parte dos de Orpheu. Foi uma figura ímpar no panorama artístico e literário português do século XX; “um homem instigante, combativo, aguerrido na defesa de suas propostas, futurista confesso”. (MARTINS, 2013, p. 15). Aspirou, como afirma Elizabeth Dias Martins, “a variada experiência dos movimentos estéticos de seu tempo”, resultando assim num conhecimento que parte da sensibilidade do eu comum à sensibilidade de uma coletividade (MARTINS, 2013, p. 15). Sendo assim, mergulhar no universo diversificado de Almada Negreiros, é embrenhar-se num grau de completude peculiar que nos exige sensibilidade, vontade e conhecimento daquilo que poderíamos chamar de artista completo por natureza, uma vez que para o poeta a arte “não era fruto do simples improvisado, e sim resultado de muito estudo e experimento”. (MARTINS, 2013, p. 15).

O livro *Do Fragmento à Unidade: a Lição de Gnose Almadiana*, dividido em três partes centrais de pura discussão sobre Almada Negreiros, é, na verdade, uma grande lição que envolve filosofia, história, antropologia, literatura, *residualidade*, poesia e arte; trata-se de um livro que ressalta as peculiaridades que envolve o homem e a sua forma de pensar a sociedade moderna - final do século XIX e meados do século XX. Martins (2013), faz, notoriamente, um estudo sócio-histórico-cultural dos problemas que

afetavam o homem, em especial, no início do século passado; problemas estes que poderiam levá-lo a perda da identidade, à fragmentação de si e ao descentramento social/individual, provocando assim, uma angústia pela perda da noção do todo, pois, como bem ressalta a pesquisadora, a crise que se abatia principalmente sobre os intelectuais portugueses no início do século passado foi “contaminada pelo profundo pessimismo do homem” e sentido como “decadência da civilização”, um malefício advindo da Revolução Industrial e da “descrença nos métodos de abordagem do real através da Razão e dos pressupostos científicos e positivistas”. (MARTINS, 2013, p. 21).

No capítulo intitulado “**O Modernismo Português: Reflexo Literário da Crise do Homem Moderno**”, Martins (2013) percorre pelo Período Clássico, pela Idade Média, pela Renascença e pela Modernidade afim de discorrer sobre os antecedentes que afligiram o homem moderno e que provocou aquilo que poderíamos chamar de crise interior (ruptura, fragmentação, incompletude, existencialismo), uma vez que, conforme já apontava Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas” (MARTINS, 2013, p. 27). Contudo, frisa-se os tempos modernos, momento em que o homem, em pleno desenvolvimento social, em plena a fase complexa da Revolução Industrial e Tecnológica, perde-se diante da velocidade das coisas, da máquina e do tempo. Essa modernidade, como explica a autora, instaura no espírito humano o sentimento de angústia, a fragmentação e a perda de identidade. Dessa forma, conforme aponta Elizabeth Dias Martins, “o homem se vê ligado a um universo tão irrisório que a visão de mundo, a partir do lugar ocupado por ele, seria determinada por sua pequenez, jamais lhe permitindo a análise do todo”. (MARTINS, 20013, p. 53).

No capítulo seguinte, “**Intrasubjetividade e Intersubjetividade: as vias do conhecimento**”, Martins (2013) destaca o processo da Intrasubjetividade e o processo da Intersubjetividade, bem como a questão do eu poético, o outro e os outros na poesia almadiana e a alteridade ao tempo unitário, pois o tempo, como bem salientou Almada Negreiros “é feição do todo”. (MARTINS, 2013, p. 136). Segundo a autora, os processos de Intrasubjetividade e de Intersubjetividade “são vias de conhecimento ao

indivíduo a caminho da Autognose”. Entende-se por Autognose a procura do homem no estado de incerteza; não simplesmente no sentido de não saber e/ou de ignorar algo/alguma coisa, mas “de um concreto não saber a que se ater”; é a “busca pela unidade perdida”. (MARTINS, 2013, p. 63). Sendo assim, Elizabeth Dias Martins tenta compreender o homem almadiano e a sua necessidade de viver; a sua constituição histórica; a herança cultural e filosófica; a sua incompletude; o seu idealismo; a sua fugacidade; a sua fragmentação; o sentir o mundo; o estar no mundo; o eu, o outro e os outros; o ter, o não ter; o homem e a sua unidade. “ Viver é estar no mundo e conviver”. (MARTINS, 2013, p. 103). Ela ainda destaca a questão da autoidentidade, ou seja, da busca incessante do conhecimento de si, da realidade e da própria vida, fato extremamente indispensável ao homem moderno. Ressalta também a questão da memória e a preocupação com as raízes, com o princípio, uma vez que todos nós temos uma historicidade e uma herança cultural distante – substratos mentais/culturais que perpassam de geração para geração independente do tempo e do espaço. (MARTINS, 2013, p. 117). Diante dessa autoidentidade, a autora faz referência aos elementos *residuais* existentes na obra almadiana, tendo como base, as fontes do conhecimento oriundas do passado, presente e de um futuro em (des)construção, bem como da *Teoria da Residualidade Cultural e Literária*.

No capítulo final intitulado “**O Tecido de Fragmentos é Igual à Unidade: uma leitura de Nome da guerra**”, Martins (2013), tendo como base de análise o romance almadiano *Nome de Guerra*, disserta sobre a representação do roteiro de gnose e aprendizagem no conjunto da obra do autor em questão, comprovando assim, que Antunes, personagem principal de *Nome de Guerra*, chega à gnose por meio de duas vias de interação humana: a intersubjetividade e a intrasubjetividade, uma vez que a personagem central do romance muda, no decorrer da narrativa, de um estado de espírito para outro, processando assim, uma necessidade de que precisava: “pôr ciência na minha vida” (Almada Negreiros). Diante do exposto, Martins (2013) consegue mostrar que Antunes atingiu, assim como Almada Negreiros, devido a questão da intersubjetividade e da intrasubjetividade humana, a consciência da sua unidade e a sua completude, podendo

considerar que “ $1 + 1 = 1$, a igualdade ideal de Almada Negreiros que, a seu pensar, deveria ser o objeto de todos os homens”. (MARTINS, 2013, p. 207).

Uma Breve Conclusão

Após a leitura do livro de Roberto Pontes (2012), *O Jogo de Duplos na Poesia de Mário de Sá-Carneiro*, e do Livro de Elizabeth Dias Martins (2013), *Do Fragmento à Unidade: a lição de gnose almadiana*, temos a sensação de chegarmos ao êxtase de uma completude poética e residual. O roteiro traçado por Pontes (2012), repleto de teorias ricas para elucidar a enigmática poesia de Sá-Carneiro, bem como o roteiro de gnose traçado por Martins (2013) para também desvendar, com muita habilidade, os enigmas do processo que envolve o autocentramento da obra poética de Almada Negreiros e da sua própria completude, resultam em dois adventos de conhecimentos indispensáveis para o leitor que deseja mergulhar nas vicissitudes e na poeticidade dos respectivos autores que polemizaram e marcaram a historicidade da cultura e da literatura portuguesa no início do século XX.

Referências

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Trad.: Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

BIOGRAFIA DE ROBERTO PONTES. https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Pontes (Acessado em 01/06/2018).

DUBY, Georges. “Reflexão sobre a história das mentalidades e a arte”. In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n.33, julho 1992, pp. 65-75.

MARTINS, Elizabeth Dias. *Do Fragmento à Unidade: a lição de gnose almadiana*. Fortaleza: EDUFC, 2013.

_____. Prefácio do Livro *O Jogo de Duplos na Poesia de Sá-Carneiro*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. 7 ed. revisada. São Paulo: Cultrix, 1977.

PONTES, Roberto. *O Jogo de Duplos na Poesia de Sá-Carneiro*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

_____. *Literatura insubmissa afrobrasilusa*, Rio de Janeiro/Fortaleza, Oficina do Autor, EDUFC, 1999.

_____. MARTINS, Elizabeth Dias. *Residualidade ao Alcance de Todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

_____. *Entrevista sobre a Teoria da Residualidade*, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, em 05/06/06. Fortaleza: (mimeografado), 2006.

SILVA, Maria Fernanda Diniz da. **Tradição e Modernidade na Produção Poética de Roberto Pontes**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidade, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, Ceará, Brasil, 2017.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.